

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO DO PRESIDENTE
Em 24 de janeiro de 2001

Assunto: Processo FUNAI/BSB/0016/95. Referência: Terra Indígena TUPÁ-SUPÉ. Interessado: Grupo Indígena Tikuna. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

Nº 6 - O PRESIDENTE SUBSTITUTO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/0016/95, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria dos antropólogos CARLOS ALBERTO MONTESPERES e NORALDINO VIEIRA CRUVINEL que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena TUPÁ-SUPÉ, de ocupação do respectivo grupo tribal Tikuna, com superfície e perímetro aprovados de 8.600 hectares e 44 km respectivamente, localizada no município de Alvarães, Estado do Amazonas.
2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Amazonas, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.
3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede da Prefeitura Municipal da situação do imóvel.

DINARTE NOBRE DE MADEIRO

ANEXO

RESUMO DO RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA TUPÁ-SUPÉ- AM.

Referência: Processo FUNAI/BSB/0016/95. Terra Indígena Tupá-Supé. Localização: Município de Alvarães, Estado do Amazonas. Superfície: 8.600 ha. Perímetro: 44 km. Sociedade Indígena: Tikúna; População: 42 pessoas (1999). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico constituído pela Portaria n.º 134/PRES, de 11 de março de 1999, coordenado pelo antropólogo Carlos Alberto Montes Perez.

INTRODUÇÃO

O Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Tupá-Supé resultou dos estudos e levantamentos procedidos em cumprimento ao determinado pela portaria n.º 134/PRES de 11/03/99, publicada no DOU de 15/03/99. Anteriormente foram constituídos dois GTs. de identificação para essa terra indígena, o primeiro, em 1994 - pela Portaria n.º 0745/PRES/94 - e o segundo, em 1995 - pela Portaria n.º 1199 de 01/12/95, ambos coordenados pela antropóloga Priscila Faulhaber Barbosa. A área proposta pelos dois GTs. conta com superfície aproximada de 8.400 ha e perímetro de 42 Km.

As informações apresentadas pelos relatórios resultantes dos mencionados GTs. não foram suficientes para caracterizar a área indicada como sendo de ocupação tradicional indígena Tikúna, sobretudo pelas exigências da nova regulamentação do procedimento demarcatório de terras indígenas imposta pelo Decreto nº 1.775/96 e Portaria nº 14/MI/96. Assim fez-se necessário a formação de um terceiro GT para reestudá-la, o qual foi instituído pela citada Portaria nº 134/PRES/99.

Ressalta-se que a demarcação dessa terra vem sendo solicitada pelos Tikúna há vários anos, devido às invasões objetivando a exploração ilegal dos recursos naturais, como a extração de madeira e caça.

I - DADOS GERAIS

As linhas de conjugação interétnica dos Tikúna com a sociedade dos brancos se iniciaram por volta do século XVII c, paulatinamente, foram intensificadas ao longo dos séculos XVIII e XIX. De acordo com a mitologia indígena, os Tikúna são originários do igarapé Eware, localizado entre as nascentes do igarapé São Jerônimo, tributário da margem esquerda do rio Solimões, no trecho entre Tabatinga e São Paulo de Olivença. O termo Tikúna não tem significado na própria língua, estando relacionado, possivelmente, à forma como as tribos vizinhas os chamavam.

Os primeiros contatos dos Tikúna com a sociedade dos brancos estão relacionados à chegada de missionários jesuítas, liderados pelo padre Samuel Fritz, no século XVII. O padre Fritz fundou diversas missões na região que, posteriormente, se constituíram nas cidades de São Paulo de Olivença, (inicialmente São Paulo dos Cambeba), Amaturá, Fonte Boa e Tefé. Em 1698, o padre Samuel Fritz estabeleceu os primeiros contatos com os Tikúna, que viviam nas matas próximas a São Paulo de Olivença. Dois séculos mais tarde, em 1929, o etnólogo Curt Nimuendaju, constatava que os Tikúna, no território brasileiro, haviam consolidado a ocupação dos pequenos afluentes da margem esquerda do rio Solimões, entre a fronteira e São Paulo de Olivença. A grande maioria dos Tikúna vivia no alto dos igarapés da margem esquerda do rio Solimões e sua distribuição espacial estava circunscrita à terra firme. Esses índios dominavam a técnica do curare, utilizavam a zarabatana e não possuíam canoas. A caça desempenhava função das mais importantes em sua vida econômica e ritual e estava associada a uma agricultura de tubérculos e à coleta. Suas habitações eram grandes casas coletivas, de forma ovalada. Mantinham guerra com tribos vizinhas e mesmo contra outras malocas de sua própria tribo. Mantinham-se afastados das margens do rio Solimões devido ao forte poderio militar, demográfico e econômico dos Omágua ou Kambéba, de quem eram inimigos e com quem travaram diversos combates.

Na primeira década do século XVIII, o sistema social dos Kambéba foi severamente desestruturado em decorrência da colonização europeia. Diante disso, os Tikúna tiveram a oportunidade de estender sua ocupação territorial às margens do rio Solimões. A ocupação do novo ambiente fez com que o grupo tivesse que desenvolver técnicas de construção de canoas, nas quais são sobejamente conhecidos por toda a região. Assim, tornaram-se capazes de explorar os ricos recursos pesqueiros existentes, fazendo da pesca a principal fonte de proteína animal em sua dieta.

Na década de 1890, os Tikúna foram alcançados pela frente de expansão da sociedade nacional que mais seriamente afetou suas condições de existência. A frente seringalista, capitaneada por imigrantes cearenses e, estimulada pelo aumento das cotações da borracha no mercado internacional, exerceu uma forte ação coativa sobre o grupo, afetando dramaticamente todas as instâncias da vida desses índios.

As interferências dos seringalistas causaram severas modificações na organização social Tikúna, afetando todos os seus costumes com a redefinição da ocupação do espaço, da moradia, das

INSTITUTO	
Documentação	
MEIO AMBIENTAL	
Fonte	DCU (19-E), 5.1
Data	26/01/2001 Pg 32-3
Class.	TC000144

atividades econômicas, da constituição da família, dos papéis de liderança, da realização de rituais e das atividades dos pajés. Para Oliveira Filho, os padrões seringalistas exerceram, desde a última década do século XIX até os anos de 1940, um domínio completo sobre toda a região do Alto Solimões, subjugando não somente os índios, como também, todas as instituições políticas, administrativas e religiosas (Oliveira Filho, João Pacheco de. O Nosso Governo: os tikuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero; Brasília-DF e MTC/CNPq. 1988:87). É somente na década de 40, com a instalação de um Posto do Serviço de Proteção aos Índios/SPI, na cidade de Tabatinga, que um novo período nas relações entre os Tikúna e o mundo dos brancos foi constituído. O mercado local, mantinha-se graças à pouca circulação financeira e ao monopólio comercial exercido pelos padrões seringalistas. Os Tikúna não dispunham de qualquer alternativa para a prática de suas relações de comércio, tendo que se submeter às regras e aos preços impostos pelos seringalistas.

A entrada em cena do posto indígena do SPI começou a modificar essas condições, estabelecendo relações diretas de comércio com os índios, provocando com isso, a quebra do monopólio. O Posto Indígena comprava a farinha produzida pelos Tikúna e lhes oferecia uma grande variedade de mercadorias a preços bem mais favoráveis do que os praticados pelos seringalistas. A atuação do SPI estava fundamentada numa ideologia produtivista, cuja ênfase era o desenvolvimento da agricultura e outras atividades econômicas. Essa estratégia foi concebida, na suposição de que, dessa forma, estaria aberta aos Tikúna, a possibilidade de uma integração menos submissa e desfavorável à sociedade brasileira. A implantação desse projeto requeria a definição da territorialidade indígena, fixando os índios para que pudessem desenvolver suas atividades produtivas.

A atuação do SPI, como agente econômico associado ao protecionismo paternalista, com o qual se relacionava com os índios, modificou as relações de dominação existentes, gerando conflitos com os padrões seringalistas e moradores brancos. O desencadeamento desse processo deu origem à formação de um campo indígenista, que crescentemente se têm manifestado na conquista de uma maior autodeterminação para os Tikúna.

II - HABITAÇÃO PERMANENTE

A Terra Indígena Tupã-Supé é composta por uma única aldeia, situada no município de Alvarães, no estado do Amazonas. Está localizada em solo de terra firme, à margem direita do rio Solimões. Anteriormente à formação da aldeia Tikúna Tupã-Supé, as questões étnicas referentes aos grupos indígenas do médio Solimões permaneceram por muito tempo sem maior expressão social, devido ao forte preconceito antiindígena existente na região. Somente na década de 1980, encorajados pelo desenvolvimento do movimento indígena, do qual participaram ativamente, foi possível aos Tikúna dessa aldeia assumir sua identidade étnica.

De acordo com a antropóloga Priscila Faulhaber, a identidade étnica da aldeia Tupã-Supé é atribuída por D. Esmeralda que, desde criança, sempre foi chamada de Tikúna, já que seu pai era reconhecido na região como índio Tikúna.

A constituição do grupo residencial Tikúna que habita a aldeia Tupã-Supé remonta há cinquenta anos, quando D. Esmeralda, moradora mais antiga da aldeia, se casou com seu Serafim. D. Esmeralda conta essa história: "Eu morava lá no igarapé conhecido como Coadi, outra comunidade e lá eu tinha meus primos e tios, e quando me casei eu saí de lá. Eu tinha 19 anos e vim pra cá, o Serafim morava lá em cima na casa da irmã dele, ele tava viúvo com um bando de 5 filhos. A primeira mulher dele morreu aí passou-se bem um ano ou mais aí nós começamos a se gostar aí nós casamos no católico e civil. Os meninos eram todos pequenos e eu é que criei eles. Daí que nós viemos pra cá, o pai dele tinha um barracão grande pra lá e foi o tempo que o pai dele adoeceu e morreu e nós ficamos vivendo fazendo roça. Nós nunca deixamos de fazer roça. Ficou sem roça você não tem nada, porque vai comprar farinha, é caro. Foi o tempo que chegaram os meus filhos, só eu tenho 12, todos espalhados e tenho esses dois comigo, o Pedro e o Francisco".

A realidade político-social local foi, por muito tempo, extremamente desfavorável à afirmação étnica dos grupos indígenas do médio Solimões. Isso se evidencia nas palavras do tuxaua Francisco Chagas: "Ninguém sabia o que a gente era. Nós tínhamos medo quando se falava de índio. Tinha umas pessoas que diziam que os índios comiam gente, principalmente os padres e que não era bom ser índio".

A denominação de alguns dos igarapés da terra indígena Tupã-Supé guarda uma estreita relação com a ocupação indígena da região e é reverenciada pelos Tikúna como um marco das lutas e da resistência dos índios. O igarapé do Camarada e o do Fugido retratam a história de dois irmãos que viveram na região. Conforme D. Esmeralda: "O meu marido contava que aqui nesse beirão antigamente era só um anilal e uma vez ele e o pai dele foram pegar tracaíá num lagunho aqui perto e aí eles encontraram esses dois índios que chamavam de João e Maria. Esses índios costumavam andar muito aqui nessa imediação. Eles andavam do Coari até o Jurá. O igarapé do camarada existe com esse nome porque esse índio só dizia camarada, ele chamava todo mundo de camarada".

A organização política da aldeia Tupã-Supé é composta por dois tuxauas, o primeiro é Francisco Chagas e o segundo, D. Esmeralda. Aos domingos, costumam se reunir para discutir os assuntos mais relevantes para a sua comunidade. As questões podem se referir mais especificamente à situação interna da aldeia, como a convocação de um ajuri, ou também, para tratar da participação dos Tikúna no movimento indígena organizado da região. Existem ainda outras formas de organização como a associação das mulheres, cuja atribuição é planejar e incentivar o trabalho comunitário.

III - ATIVIDADES PRODUTIVAS

As atividades produtivas dos Tikúna de Tupã-Supé são marcadamente influenciadas pelos ciclos pluviométricos e fluviométricos da região. O período de chuvas ocorre com mais intensidade entre maio e junho, enquanto que a seca se verifica mais intensamente nos meses de outubro e novembro.

A agricultura é a atividade mais importante para esses índios. Além de fornecer parte substancial de sua base alimentar, é também, a principal geradora de produtos com valor de mercado, necessários ao desenvolvimento de suas relações de comércio. A farinha, a banana e o abacaxi são os principais itens comercializados pelos Tikúna. Plantam ainda diversos outros cultivos para a sua subsistência como tomate, maxixe, quiabo, pepino, abóbora, milho, feijão, cebola de palha, coentro, mamão, cará, batata, melancia. Entre as casas, os índios têm plantadas diversas árvores frutíferas como manga, ingá, carambola, laranja, limão, abacate, entre outras. O cultivo e utilização de plantas medicinais são práticas que vêm se intensificando por todas as comunidades indígenas da região.

Devido às dificuldades de acesso aos sistemas de saúde locais e à falta de remédios, etc., o grupo vêm estabelecendo metas para que possam enriquecer sua medicina tradicional, utilizando a rica variedade de plantas existentes em suas terras.

Ao definirem os locais de plantio, os Tikúna procuram evitar as áreas ocupadas por castanheiras, de modo a preservar essa im-

portante fonte de recursos alimentar e financeiro, na medida em que a castanha também é comercializada pelos índios.

O extrativismo vegetal é uma atividade intensamente praticada pelos Tikúna. A rica biodiversidade de espécies existentes em seu território oferece amplas possibilidades de uso, seja para alimento, remédio, artesanato, construção, etc.. Entre outras, as mais importantes são o açaí, a castanha, a bacaba, o pataúá, a andiroba, a copalpa. O açaí é especialmente apreciado pelos índios e, por todo o período da safra, que vai de janeiro a junho, é consumido diariamente.

O artesanato elaborado pelos Tikúna de Tupã-Supé tem, em boa medida, caráter utilitário, sendo empregado no processamento de suas atividades agrícolas, como o lipiti, o paneiro, a peneira, etc. O Tikúna Pedro Vieira é um dos mais habilidosos nesse trabalho e, frequentemente, não consegue atender a todas as encomendas feitas pelas comunidades vizinhas.

Numa estimativa aproximada, foi calculado que a pesca representa cerca de 10% do investimento de tempo dos índios. É uma atividade praticada pelos homens, mulheres e também pelas crianças. Os Tikúna se dedicam à pesca com mais intensidade na época do verão, quando há muita fartura de peixe.

A tecnologia empregada para a captura do pescado é variada, incluindo o caniço, a gaponga, malhadeira, espínel, tarrafa e o jiquí. A pesca é praticada no rio Solimões e também nos lagos da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - RDSM, onde estão autorizados a pescar. A pesca nos lagos da RDSM acontece com maior intensidade entre outubro e dezembro. O lago mais próximo da aldeia é o Api-Grande. Segundo Pedro Vieira, "Lá tem muita fartura de peixe, a gente gasta 1 hora e pega 2, 3 paineiros de peixe, dá uns 120 quilos de peixe e aí distribui por todas as casas". Quando obtêm uma boa pescaria, costumam conservar o pescado no sal ou ressecado ao sol.

A caça, muito valorizada pelo grupo, tem suas atividades desenvolvidas com mais intensidade no inverno. Com a elevação do nível das águas os animais tendem a se concentrar numa faixa de terra mais restrita, do que se valem os índios para obter maior sucesso em suas incursões de caça. A prática mais intensa da atividade de caça se dá entre os meses de julho e agosto, época em que, segundo os informantes do grupo, os animais estão mais gordos. Os animais caçados preferencialmente nos "chupadores", "patauzais" e nas capoeiras são diversos, sendo os mais importantes, paca, cotia, anta, catitu, macaco, veado, além de várias espécies de aves. Os homens, das mais diversas idades, são os responsáveis pelo suprimento familiar de caça. As mulheres cabe a limpeza o preparo dos animais caçados para o consumo, imediato ou não.

IV - MEIO AMBIENTE

A delimitação da Terra Indígena Tupã-Supé, tendo em vista o disposto no § 1º do art. 231 da CF/88, foi definida de modo a garantir aos Tikúna a utilização dos recursos que são indispensáveis à sua sobrevivência física e cultural. Teve ainda por preocupação conjugar as necessidades desses índios com a conservação da integridade ambiental de seu território.

A Terra Indígena Tupã-Supé está localizada em solo de terra firme, à margem direita do rio Solimões. São dois os tipos de solo encontrados na área: Hlra6 - Laterita Hidromórfica Alca de elevação, atividade baixa textura argilosa e Pva12 - Podzólio Vermelho Amarelo Alca de atividade baixa textura argilosa. Esses solos são fortemente ácidos, com elevada concentração de alumínio, o que compromete sua fertilidade e a variedade de plantas que podem ser cultivadas pelos índios, apresentando ainda relevo plano e suave ondulação. A formação vegetal associada a esses solos é do tipo Floresta Densa Tropical (FDA), sub-região dos baixos platôs da Amazônia. A cobertura vegetal é exuberante, apresentando o predomínio de grandes árvores emergentes e em pequena escala, com dossel uniforme.

Essa terra situa-se no entorno da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - RDSM, que é uma unidade de conservação reconhecida mundialmente. Sua concepção procura congruar os desafios de conservar a biodiversidade com o desenvolvimento sustentável das populações humanas residentes no seu interior e em seu entorno; um conjunto de cerca de 60 comunidades cujo estilo de vida é fortemente extrativista. O tikúna Pedro Vieira é uma das lideranças que participa, como representante da aldeia Tupã-Supé, da gestão dos lagos que estão destinados ao uso do Setor Ingá, da qual essa aldeia é integrante.

A existência da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá fomenta a difusão de uma ética ambientalista entre todas as comunidades da região, o que requer um constante diálogo a respeito das melhores opções de uso da terra. O plano de manejo da RDSM, discutido por todas as comunidades que utilizam seus recursos, consiste num adequado zoneamento da área para delimitar os locais em que cada comunidade irá desenvolver suas atividades. O desempenho dessas atividades está relacionado a um conjunto de normas de forma a garantir sua sustentabilidade.

Os índios em Tupã-Supé estão conscientes da necessidade de proteger os recursos existentes em sua região e, entre outras iniciativas, procuram proteger os tabuleiros de postura de ovos de tartarugas, iaçá, gaiivota, tracaíá, etc.. Isso se deve à percepção de que esses animais já se encontram muito escassos na região.

De acordo com o relatório ambiental não foram notificados maiores impactos ambientais incidentes sobre a integridade da Terra Indígena Tupã-Supé. No entanto, nos depoimentos dos índios, constatou-se uma acentuada diminuição da fauna da região em virtude da contínua exploração desses recursos.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

A população da aldeia Tupã-Supé, de acordo com Pedro Vieira, é de 42 pessoas. Durante os estudos de identificação e delimitação, estavam presentes apenas 28 pessoas. Deve-se salientar que essa diferença se deve à existência de uma população flutuante, formada por estudantes e outros moradores, que estão sempre circulando entre a aldeia e as cidades próximas.

A vida de D. Esmeralda, moradora mais antiga da aldeia Tupã-Supé, é marcada por acontecimentos que influenciaram o destino de todo o seu grupo familiar. D. Esmeralda nasceu na comunidade vizinha a Tupã-Supé, no lugar conhecido como Coadi. Quando ainda era criança, sua mãe morreu e seu pai, que era Tikúna e falava a língua, deixou-a com outras pessoas. Por não ter sido criada por seu pai, D. Esmeralda não recebeu a educação tradicional Tikúna: "Eu não aprendi a língua Tikúna. Quando minha mãe morreu eu era muito pequena e meu pai que era legítimo e falava Tikúna me deu e eu fui criada pelos outros. Não foi o meu pai que me criou. Meu pai era de São Paulo de Olivença e eu já nasci no Coadi, ele falava sobre a festa da moça nova e de outras festas dos Tikúna, mas eu era muito pequena".

Para os Tikúna de Tupã-Supé, a afirmação da identidade étnica tem exigido uma constante luta para enfrentar os preconceitos antiindígenas existentes na região. O tuxaua Francisco Chagas ao refletir sobre as dificuldades vividas pelos índios, fez o depoimento já citado em parte e que se segue: "Os padres aculturavam os índios,

botavam na cabeça da gente aqui pela beira do Solimões, que era bicho de sete cabeças ser índio, a gente era mal visto, que índio era escravo, um monte de coisas, tudo que não prestava era índio. Aí ninguém dava o valor mesmo aos índios. Como o papai ele falava muito bem a língua, ele sabia falar a língua indígena, mas aí foi uma coisa que ele não ensinou pra nós, acho que ele ficou com medo e seguia mais o lado do padre e deixou o nosso valor de banda, não quis cultivar. Naquela época os padres perseguiram muito por aqui, era quase toda semana tinha padre na beira fazendo desobriga, as campanhas deles na beira do rio, a parte do evangelho e a parte do índio, que índio não prestava, que não era bom ser índio. Isso foi há uns 40 anos, eu me lembro, eu era pequeno tinha 6 a 8 anos de idade".

O reconhecimento da identidade como índios Tikúna tem representado para os moradores de Tupã-Supé, uma oportunidade para resgatar suas origens, como também, razão para atribuírem sentido e orgulho às suas vidas, conforme depoimento de Pedro Vieira: "No momento em que nós passamos a reconhecer que nós éramos índios, porque a gente vivia assim como outros qualquer, foi o tempo que nós fundamos a nossa comunidade aqui de Tupã-Supé. Teve um dia que o André Cruz da UNI-Tefé e uns missionários estiveram aqui, fazendo umas perguntas e, foi quando nós começamos a ter mais consciência de que a gente era realmente índio Tikúna.

Os Tikúna dessa aldeia se mostram determinados a aprofundar o processo de recuperação de sua cultura e para isso sonham com o aprendizado de sua língua.

VI - LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO

O levantamento fundiário, elaborado pelo técnico agrícola Idelfonso de Souza Cavalcante e pelo engenheiro agrônomo Francisco de Assis Trindade Martins, demonstra que não há nenhum ocupante não indígena na TI. Tupã-Supé.

A situação dominial dessa terra indígena foi analisada nos municípios de Alvarães e Tefé no 1º e 3º Ofícios. Através de consulta aos livros de Registro de Imóveis, verificou-se que não há nenhum título definitivo incidindo nos limites da Terra Indígena Tupã-Supé.

VII - CONCLUSÃO E DELIMITAÇÃO

A proposta de identificação e delimitação da Terra Indígena Tupã-Supé é a configuração das reivindicações que foram elaboradas coletivamente pelos índios. Compreende os espaços geográficos e ambientais de ocupação tradicional da comunidade: os habitados em caráter permanente, os utilizados para as suas atividades produtivas, os imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem estar e os necessários à sua reprodução física e cultural, segundo os seus usos, costumes e tradições, enfim, os necessários à satisfação de suas necessidades de sobrevivência física e cultural, assegurando as condições para a manutenção e fortalecimento de seu sistema social.

Para os Tikúna de Tupã-Supé, o reconhecimento de seu território representa a afirmação das diferenças étnicas que os distinguem dos demais grupos sociais, a despeito da irreparável perda de referências culturais que sofreram, decorrentes do longo processo de enfrentamentos que tiveram com o mundo dos brancos. Através do revigoramento do movimento indígena do médio Solimões, no qual se encontram vivamente engajados, os Tikúna têm fortalecido sua organização política e estão integrados à mesma luta de todos os demais povos indígenas da região, de modo a viabilizar as condições necessárias para que seus direitos territoriais venham a ser reconhecidos.

Para os índios, a terra é necessária não somente para assegurar os recursos imprescindíveis à sua sobrevivência física. Ela é igualmente importante por ser o espaço coletivo onde desenvolvem suas relações diárias de coexistência, referenciadas na memória que guardam de seu passado, em associação às esperanças que cultivam para o futuro. As vivências com o meio ambiente da floresta amazônica são compartilhadas por todos e permanentemente reelaboradas socialmente. A terra é um espaço vital, necessário ao pleno desenvolvimento de suas relações simbólicas e à manutenção de sua identidade étnica. O território é amplamente utilizado pelos índios para a realização das atividades necessárias à sua sobrevivência física e cultural. Assim a terra tem múltiplos usos como área de habitação, roça, pesca, caça, coleta vegetal e também as destinadas à preservação ambiental.

Para os Tikúna, os seus direitos somente estarão plenamente garantidos, na medida em que lhes forem reconhecidas a posse permanente e a riqueza das terras tradicionalmente ocupadas.

Do que foi apresentado, conclui-se que a Terra Indígena Tupã-Supé, conforme mapa e memorial descritivo a seguir, é uma terra de ocupação tradicional dos índios Tikúna, nos termos da legislação vigente (art. 231 da CF/88, Lei nº 6.001/73, Decreto nº 1.775/96, Portarias nº 239/FUNAI/91 e nº 14/MJ/96), pelo que deve dar continuidade a seu procedimento administrativo de demarcação.

CARLOS ALBERTO MONTES PEREZ
Museu do Índio/RJ

NORALDINO VIEIRA CRUVINEL
FUNAI/DF

Diretoria de Assuntos Fundiários - DAF
Departamento de Demarcação - DED
Memorial Descritivo de Delimitação

Denominação
Terra Indígena TUPÃ-SUPÉ
Aldeias Integrantes
Tupã-Supé
Grupo Indígena
Tukuna

Localização
Município: Alvarães - Estado Amazonas
Administração Executiva Regional: Manaus
Coordenadas dos Extremos

Extremos	Latitude	Longitude
Norte	03°05'04" S	64°58'51" WGr
Leste	03°09'48" S	64°57'50" WGr
Sul	03°11'43" S	65°04'36" WGr
Oeste	03°10'54" S	65°05'12" WGr

Base Cartográfica

Nomenclatura	Escala	Órgão	Ano
SA.20-Y-C	1:250.000	DSG	1980

Dimensões
Superfície: 8.600 ha (oito mil e seiscentos hectares) aproximadamente.
Perímetro: 44 Km (quarenta e quatro quilômetros) aproximadamente

